

**PROJETO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA ILHA DE ITAOCA,
COMPLEXO DO SALGUEIRO, SÃO GONÇALO/RJ: A GOVERNAÇÃO
DEMOCRÁTICA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR**

André Antunes Martins
Universidade Federal Fluminense
andreantunesmartins@id.uff.br

Silvério Augusto Moura Soares de Souza
Universidade Federal Fluminense
samssouza@id.uff.br

Gabriella de Souza Soledade
Secretaria Municipal de Assistência Social de São Gonçalo/RJ
gsoledade91@gmail.com

Este trabalho relata o início de um projeto de formação de educadores numa escola situada na Ilha de Itaoça, no Complexo do Salgueiro, São Gonçalo, RJ - salientamos que nesse território, em anos anteriores, duas outras escolas já fizeram parte desse projeto extencionista. Descrevemos a seguir nossa entrada no território.

Estávamos nos organizando para a retomada dos projetos de formação. Nosso ponto de encontro foi onde realizáramos as atividades nos anos anteriores. Esta escola, do projeto do ano anterior, está situada dentro da favela, porém numa área não tão adentrada no território. Conforme havíamos combinado, queríamos aprofundar nossas intervenções, conhecer e atuar na realidade da favela profunda. Daí a escolha de uma outra. Já tínhamos tido um contato bem ligeiro, por época de uma ida à campo. Nesse momento, queríamos conversar com a diretora e propor, mais sistematicamente, um projeto de formação com os educadores. Estávamos ansiosos e receosos por essa conversa inicial, embora já conhecêssemos ligeiramente a localidade, queríamos estabelecer continuidades duradouras, algo diferente de um simples *bate volta* pontual. Nesse dia, por conta de uma operação policial em outra comunidade próxima, a atmosfera estava meio tensa, passamos por algumas cancelas/barricadas e por vários grupos armados até a nova escola. Trafegamos com vidros abaixados e pisca alerta ligado no pistão, conforme é conhecida a via principal de terra batida. Notamos uma paisagem meio híbrida entre o urbano e o campo, tendo alguns animais como cavalos, porcos e bois circulando livremente nos terrenos baldios e acostamentos. Por meio de uma pequena ponte, com uma cancela administrada pelo tráfico de drogas, tivemos acesso à Ilha de Itaoça. Conhecida outrora pelo marco histórico da Capela Nossa Senhora da Luz e por suas praias aprazíveis, a impressão primeira era de um lugar em outra dimensão, um tempo meio desacelerado, pessoas em isolamento, transporte público quase inexistente (sobretudo depois

da pandemia), intervenção social do Estado diminuta e precária, no entanto, efetiva, sobretudo, pela lógica da *guerra às drogas*. Um local tão próximo dos centros comerciais metropolitanos, ao mesmo tempo em que guarda uma atmosfera de vida no campo, exprimia em hipérbole as marcas das desigualdades e vulnerabilidades de uma periferia urbana.

A recepção na escola não poderia ser melhor, brilhos nos olhos e confluências de desejos para a realização dos projetos. Iniciamos um planejamento das possibilidades e datas possíveis. Não seria uma formação do tipo *fast food*, nossa intenção era permanecer na escola por um tempo longo, meses... Conhecer as alegrias/motivações/resistências que movimentavam os educadores (alguns moradores da Ilha de Itioca ou de localidades próximas). Não entregaríamos um *pacote* de formação. Não, queríamos viver as experiências com eles, das muitas agruras como das resistências cotidianas.

Nossa temática central diz respeito aos aspectos referentes às dinâmicas colegiadas e participativas nas escolas. Nesse sentido, algumas questões são centrais: as redefinições das funções dos diretores, pedagogos, professores e profissionais de apoio considerando a **governança democrática**. Por essa perspectiva, primamos pela ideia de comunidade ampliada, tendo a participação nas deliberações pedagógico-curriculares e ou nas redefinições/disputas de sentidos das aprendizagens como algo que, necessariamente, deve envolver o território popular.

Ao considerarmos os recortes urbanos de exclusão e desigualdade e as próprias políticas educacionais atuais de participação pelo viés produtivista, acreditamos que essa proposta, ao contrário, mobiliza a promoção de uma gestão comunitária. Esta designa encontros democráticos, pautada pela perspectiva de que a qualidade escolar está vinculada aos sentidos múltiplos e plurais, valorizando, por exemplo, dispositivos institucionais efetivos, como: os conselhos escolares, os conselhos de classe, a elaboração e execução do projeto pedagógico curricular etc.

O momento atual, marcado pela desesperança, pelo sucateamento agudo, pelo desprestígio crescente do profissional da educação e pelas políticas produtivistas de desautonomização da escola, caracteriza processos de escolarização onde o exercício da democracia e consequente protagonismo comunitário popular na elaboração dos planos político-pedagógicos estão em segundo plano. As pautas históricas em defesa do público se encontram fragilizadas pelas empreitadas privatizantes, impulsionando a existência de cotidianos pouco adensados pelos movimentos coletivos. Contudo, acreditamos que dinâmicas resistentes persistem e coabitam esses lugares, sempre na tentativa de reinventar possibilidades organizativas e pedagógicas. A composição com essas

resistências requer tempo e envolvimento. É na potencialização desses encontros e das redes de resistências que encaminhamos esta proposta de formação de educadores.

Propomos encontros formativos a partir de alguns princípios que nos parecem importantes:

- ✓ Caráter não obrigatório para a escola e/ou para os profissionais, daí uma aproximação que deve se articular pelo compromisso/desejo acordado entre os pares na escola (nossa intermediação inicial sempre acontece diretamente com os interlocutores educadores locais).
- ✓ Não se trata de *levar* conteúdos ou *novidades* pedagógicas, mas de valorização e fortalecimento da(s) rede(s) escola-comunidade(s).
- ✓ Tempo não reduzido de formação, desconstruindo a perspectiva de formação por cartilhas e ou disciplinar/conteudista.
- ✓ Formação não unilateral, mas composta por múltiplos sentidos advindos das experiências dos cotidianos, dos conceitos/textos, dos documentos referentes à política pública etc.
- ✓ Metodologia horizontal/transversal, sobretudo, por meio de **rodas de conversa/ações**, onde hierarquias institucionais são *minimizadas* para a realização de estudos, debates, relatos de experiências etc.
- ✓ E, pelo incentivo a constituição fortalecimento de **redes**, articulando demandas, atividades, intervenções etc. pelo/no coletivo.

Os desafios são amplos e muitos. Mas, convictos, reiteramos que a constituição de uma escola pública popular passa necessariamente pelo encontro com o território, sobretudo em lugares conflagrados. Ao contrário do que muitos poderiam argumentar, quanto mais a escola se isola em seus intramuros, mais ela se fragiliza. A qualidade educacional ou as aprendizagens populares acontecem quando a governação democrática é efetiva, tornando a organização colegiada um dispositivo fundamental na transformação da escola.

O Projeto acontece desde 2016. Já atuamos em escolas municipal e estadual, em diferentes etapas da educação básica. Procuramos realizar intervenções no sentido de fortalecer o trabalho coletivo na comunidade educacional, ou seja, conhecer, vivenciar e potencializar, de alguma maneira, as formas singulares existentes nos cotidianos.

São balizadores de nossa práxis, entre outros, Paulo Freire, Luiz Carlos de Freitas, Licínio Lima, Roberto da Silva, Antônio Bispo dos Santos, Airton Krenak.